

Discursos de fé: por que escândalos não abalam a reputação de políticos evangélicos?

Sarah Posner em entrevista a Lúcia Guimarães

O Estado de S.Paulo, Aliás, 13.8.2016

O encontro entre pastores evangélicos e a política é uma invenção americana – que pegou bem no Brasil. Com retórica moralista, a bancada evangélica tem quase 40% dos assentos do Congresso. O que a experiência da direita cristã dos Estados Unidos ensina sobre o Brasil de Eduardo Cunha, Jair Bolsonaro e Marco Feliciano, expoentes do conservadorismo no País? A jornalista investigativa americana Sarah Posner, especialista na relação entre política e religião, explica o poder de atração desse grupo e por que escândalos financeiros e sexuais não abalam sua reputação.

A confluência de pastores evangélicos com a política na era pós-televisão é uma exportação norte-americana. É também um casamento notadamente oficiado pelo Partido Republicano, desde o governo de Richard Nixon, na década de 1970. As igrejas evangélicas não detêm o monopólio dos escândalos, como fica claro por décadas de denúncias sobre pedofilia na Igreja Católica, afinal tratadas com maior transparência pelo Papa Francisco.

Mas o tele-evangelismo produziu uma forma de varejo religioso que frequentemente ocorre fora de denominações protestantes tradicionais, e atrai um tipo de charlatanismo que convive com a democracia norte-americana de maneira intrigante. A jornalista investigativa Sarah Posner é uma das maiores conhecedoras da direita evangélica nos Estados Unidos. Ela é autora do livro *God's Profits: Faith, Fraud, and the Republican Crusade for Values Voters* (Lucros de Deus: Fé, Fraude e a Cruzada Republicana pelos Eleitores de Valores Morais), uma exposição da aliança republicana com tele-evangelistas corruptos que exploram os chamados value voters, eleitores cujo voto é motivado por questões como aborto e homossexualismo.

Posner tem analisado esta mais incomum das campanhas presidenciais e narrado o racha que ocorre entre os evangélicos tradicionais e os que dão apoio maciço a Donald Trump. O apelo de Trump para um nicho demográfico – trabalhadores brancos de indústrias em declínio, com pouca educação, cada vez mais excluídos pela economia globalizada, se completa com sua mensagem: “Restaurar a América” (e a brancura) a um período de glória e dominação. É a volta a um paraíso que, tanto esses eleitores, como os fiéis de certos tele-evangelistas, nunca conheceram.

Quanto procurei a autora Sarah Posner para conversar com o Aliás, ela soltou uma exclamação sobre este dado: 38% do Congresso brasileiro é constituído por políticos evangélicos, um crescimento extraordinário, se levamos em conta que não passavam de 9% no começo do milênio. O censo do IBGE, em 2010, apontou que 22,4% dos brasileiros se declaravam evangélicos e 65% da população se declarava católica. Como explicar esse peso político desproporcional da chamada bancada da Bíblia? Na conversa com Sarah Posner, ela oferece uma análise da situação norte-americana que ajuda a explicar. Os indignados – os que são contra a legalização do aborto, por exemplo – se mobilizam mais para se organizar e ir às urnas, especialmente num país

onde o voto não é obrigatório. Quando uma sociedade se liberaliza e se torna mais secular, o zelo religioso tende a se tornar mais vocal. Uma década antes de a Suprema Corte Americana confirmar o casamento entre pessoas do mesmo sexo, grupos religiosos conseguiram passar leis definindo o casamento como instituição entre um homem e uma mulher em 13 estados – uma discussão que vemos hoje no Brasil, com o estatuto da família defendido massivamente pela frente parlamentar evangélica.

Como a emergência de moralistas políticos vai marcar o Brasil dos deputados Eduardo Cunha (PMDB-RJ) e Marco Feliciano (PSC-SP)? E como a experiência da direita cristã, agora desafiada pela evolução demográfica de um país cada vez mais diverso como os Estados Unidos, pode jogar luz sobre o momento brasileiro? No século 18, o filósofo alemão Immanuel Kant, em seu ensaio clássico “Paz Perpétua” expressou confiança no político moral. Mas o moralista político, escreveu, forja a moralidade de forma a moldá-la para obter vantagens. A seguir, a conversa com Sarah Posner.

O que marcou a emergência recente da direita cristã nos Estados Unidos?

O fenômeno não é tão recente como pensam. O fim da segregação racial nas escolas e a proibição de oração e bíblias em escolas públicas foram catalisadores da insatisfação de brancos cristãos. Lembro também que, durante a Guerra Fria, a direita religiosa foi ativa na luta anticomunista. Mas, com a decisão da Suprema Corte, em 1973, que legalizou o aborto, a direita cristã se aliou de maneira mais organizada ao Partido Republicano. A eleição de Ronald Reagan, em 1980, marca o primeiro engajamento maciço dos evangélicos em uma campanha presidencial. Agora temos o marco da passagem do casamento entre pessoas do mesmo sexo, na Suprema Corte. Eles não esperavam isso, especialmente após ter obtido vitórias, na eleição de 2004, passando leis estaduais contra o casamento gay. Como estão reagindo? Cerram fileiras em torno da “liberdade de religião”. É um slogan que se refere à liberdade de religião garantida pela Constituição, mas quer promover a ideia de que, se um comerciante cristão não quiser atender encomendas para um casamento gay, poderia fazê-lo porque estaria exercendo seu direito, acima da lei civil. Mesmo sabendo que vão se tornando minoria, querem demarcar território para seu conservadorismo.

Por que escândalos financeiros e de natureza sexual não parecem abalar a reputação dos tele-evangelistas?

É uma subcultura com veia autoritária. O pastor foi ungido para falar em nome de Deus. Ele é o mensageiro da verdade. Quem se coloca contra o pastor é acusado de estar contra Deus ou seu apóstolo. E críticas que vêm de fora são caracterizadas como coisa do demônio, inclusive as que partem da mídia. É um mundo binário, do bem contra o mal, e os fiéis se veem no papel de combater o mal. Sabemos que há temor de denunciar líderes de uma igreja. Entrevistei vários ex-membros de igrejas que descrevem o mesmo tipo de intimidação, seja para denunciar uma falcatrua financeira ou um malfeito sexual. Mas note também que há circulação de fiéis entre as igrejas. Como quem vai às compras eles podem trocar de pastor, em busca de uma mensagem que melhor lhes convém.

O seu trabalho expôs a demagogia de pastores de igrejas que não têm denominação protestante tradicional, pregadoras do ‘evangelho da prosperidade’. Por que continuam impunes?

Eles convencem os fiéis de que o dízimo é prova de sua devoção a Deus. Há tanta gente em dificuldades financeiras que continua a doar, enquanto vê seus pastores em carros de luxo, em mansões milionárias. A reação frequente é achar que o pastor fez algo certo. Quando reclamam, ouvem críticas à força de sua fé, e que é preciso doar mais para ter “retorno” no investimento. Conversei com uma mulher da igreja do controverso pastor John Hagee. Trato dele no livro. A igreja disse a ela que sua obrigação era pagar o dízimo antes de pagar o aluguel. É o que evangélicos chamam de “primeiros frutos”, a obrigação primordial é com a igreja.

Seu livro narrou casos de exploração de fiéis com perfil bem escolarizado. Como se deixam enganar?

A psicologia desta dinâmica é complicada. Nos povos que valorizam sucesso material, a atração pela teologia da prosperidade é maior, pela sensação de certeza que ela traz. A TV é um instrumento forte de propagação. Redes cristãs como a Trinity e a Christian Broadcasting Network têm público internacional e são imitadas no exterior. O público vê um estilo de vida afluyente, celebridades e diz: não é ganância, é a vontade de Deus. Mesmo na Igreja Católica, não vejo disposição da Conferência Nacional dos Bispos para promover frugalidade como prega o Papa Francisco. Sabemos de bispos com estilo de vida muito abastado. Em 2014, tivemos uma explosão de indignação com o arcebispo de Newark, que usou US\$ 500 mil da igreja para transformar sua casa de fim de semana numa mansão.

Os escândalos de pedofilia na Igreja Católica vê o fim da impunidade garantida. Como evangélicos lidam com seus escândalos sexuais?

Eles apareceram em várias igrejas, especialmente sem denominação protestante tradicional, inclusive nas suas escolas. E o jornalismo investigativo está expondo os casos, como no escândalo da Bob Jones University. É uma escola fundamentalista cristã, que lidou com denúncias de estupro e abusos durante décadas acusando as vítimas de ser responsáveis pelos ataques que denunciavam. Há essa cultura de culpar vítimas e proteger homens no poder. Mas a cultura de proteger poderosos não é exclusiva de igrejas. Veja o escândalo atual com o fundador da Fox News, agora demitido, Roger Ailes, o executivo mais influente da mídia conservadora. Ele é acusado de assédio por mais de 20 mulheres. Várias pessoas em posições de poder vieram em sua defesa.

Donald Trump já defendeu o aborto, quase não menciona religião e tem passado notório de farras em Nova York. Seu perfil é o oposto do eleitor que seleciona o candidato por uma plataforma moral. Mesmo assim, mais de dois terços dos evangélicos brancos parecem dispostos a votar em Trump. Como explicar este apoio?

A surpresa não é menor entre quem acompanha os evangélicos. Quando perguntamos a eles como podem apoiar Trump, se contorcem em explicações que se resumem assim: está tudo errado com o país. Não dá para ter só batalhas em questões como

aborto ou homossexualismo. Os Estados Unidos precisam de um homem forte que vai libertá-los do caminho do liberalismo ideológico e moral e do secularismo. Ele fala contra muçulmanos, é atraente porque ressalta essa história do choque de civilizações. E a maneira como ele ataca o politicamente correto agrada demais, especialmente a evangélicos. Entenda que atacar politicamente correto, neste caso, é linguagem em código para atacar feministas, movimentos negros como o Black Lives Matter, que denuncia a violência policial contra negros. Estamos vendo maior flutuação nas pesquisas. No momento, o eleitorado evangélico branco é crucial para Trump. Há décadas, os republicanos que chegaram à Casa Branca não têm recebido menos do que 70% do apoio destes eleitores. Trump depende deles.